

**FERNANDO PESSOA
&
EMIL CIORAN**

Pensadores das Margens da Razão
e da Civilização

Organização

Paulo Borges, Ciprian Vălcan
& Ricardo Gil Soeiro



Edições Colibri

ÍNDICE

Nota Introdutória: Do Inventário das Ilusões à Tentação do Absurdo	7
José Thomaz Brum, <i>Cioran, Pessoa e os Limites da Filosofia</i>	9
Ciprian Vălcan, <i>O Segundo Cioran</i>	15
Paulo Borges, <i>Ilusão e des-ilusão da vida, do mundo, do tempo e da história em Fernando Pessoa e Emil Cioran</i>	25
Rodrigo Menezes, <i>Cioran, Heterônimo de Fernando Pessoa</i>	39
Giovanni Rotiroti, <i>Fondane e Cioran: Dois Escritores perante a “Revolução”</i>	59
Mihaela Gentiana-Stanisior, <i>Mutação Ontológica e Composição Patética no Livro das Ilusões</i>	75
Mattia Pozzi, <i>A Fatalidade dos Precursores: Eminescu e Antero de Quental</i>	99
Ko Iwatsu, <i>Cioran au Japon. Traduction et Réception</i>	131
Irma Carannante, <i>“Quando non ci si può liberare di sé stessi, ci si diverte a divorarsi”</i> : <i>Riflessioni sulla Malinconia e la Noia a Partire da Emil Cioran e Fernando Pessoa</i>	147
Joan Marin, <i>Frente a Frente: El Livro do Desasocego de Bernardo Soares y la Filosofia de la Podredumbre de Emil Cioran</i>	163

Fernando Rey Puente, <i>O suicídio em Fernando Pessoa e Émile Cioran: estratégias ficcionais</i>	183
Nuno Ribeiro, <i>Nietzsche e Fernando Pessoa: Estética da Pluralidade</i>	203
J. Maurício Braz, <i>Cioran e Pessoa: Pensadores do Essencial</i>	225

NOTA INTRODUTÓRIA

Do Inventário das Ilusões à Tentação do Absurdo

No seguimento da realização do Colóquio Internacional sobre Emil Cioran (1911-1995) e Fernando Pessoa (1888-1935), realizado nos dias 9 e 10 de Outubro de 2019, a publicação do volume colectivo *Fernando Pessoa & Emil Cioran. Pensadores das Margens da Razão e da Civilização* visa apresentar, tanto a investigadores académicos, como a um público mais vasto, o resultado da reflexão plural que teve lugar durante o encontro internacional que teve lugar em Lisboa.

Tendo em vista a aproximação destes dois autores (e, numa perspectiva mais abrangente, entre literatura e filosofia), o presente volume procura equacionar de que modo ambos, Pessoa e Cioran, convergem numa desconstrução radical do paradigma racional e civilizacional dominante, pensando criticamente nas margens da filosofia e abrindo passagens para os seus outros, desde a poesia e a literatura à experiência extática e mística, sem enquadramento religioso ou teológico. Figuras resolutamente excêntricas (no sentido etimológico do termo: *ekkentros*, aquele que se situa fora do centro), ambos testaram as aporias dos seus respectivos ofícios, Pessoa forjando uma galáxia literária em permanente mutação, ao passo que Cioran jamais cessaria de interpelar os limites do discurso filosófico. Náufragos do não-ser e partidários de uma corrosiva lucidez, ambos se viram em clarividente ruptura com as apaziguadoras consolações, quer dos impasses da escrita realista, quer da doxa filosófica, demasiado presa à transparência do dizer apodíctico.

Desmascarando as pretensões do absoluto, Pessoa e Cioran deixam transparecer nas suas multifacetadas obras um inventário desencantado das nossas ilusões, elegendo o absurdo como a impura pátria do exílio, ao

mesmo tempo que acolhiam o canto ébrio (Nietzsche) do mistério. Um absurdo que, contra todas as probabilidades, se revela capaz de nos legar a bela e estranha aventura de uma esperança contra a esperança (*Hoffnung auf die Hoffnung*) na luminosa formulação de Hermann Broch.

O volume contempla contribuições por parte de especialistas internacionais dos dois autores, estudando-os autónoma (Ciprian Vălcan, Mihaela Gentiana-Stanisor, Ko Iwatsu) ou comparativamente (Paulo Borges, José Thomaz Brum, Rodrigo Menezes, Mattia Pozzi, Giovanni Rotiroti, Irma Carannante, Joan Marin). Qualquer que seja a abordagem teórica ou os autores compulsados, trata-se, pois, de verificar que múltiplos horizontes se abrem nos limiares ocidental e oriental da Europa para um pensamento e experiência novos a partir do questionamento radical dos modelos tradicionais.

*

Queríamos, por fim, expressar o nosso profundo agradecimento ao CE-Comp (Centro de Estudos Comparatistas), pelo incondicional apoio à presente edição, bem como ao CF (Centro de Filosofia), pelo generoso acolhimento do Colóquio Internacional. Ambos os centros de investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa tornaram possível a concretização do volume, acolhendo, desde o início, este projecto com ímpar entusiasmo. Uma palavra final de apreço é devida a Rodrigo Inácio R. Sá Menezes, a José Thomaz Brum e a Adriana Aikawa da Silveira Andrade (pelas suas preciosas traduções para português de três dos textos aqui contemplados) e, particularmente, à Editora Colibri que, na pessoa do seu editor, Dr. Fernando Mão de Ferro, revelou desde a primeira hora uma inabalável confiança no mérito da obra que agora se dá à estampa.

Os organizadores

CIORAN, PESSOA E OS LIMITES DA FILOSOFIA¹

José Thomaz Brum

Na obra de Cioran os limites e as insuficiências da filosofia foram denunciados primeiramente no *Livro das ilusões* (1936) e, em seguida, no famoso texto do *Breviário de Decomposição* (1949) intitulado “Adeus à filosofia”. Entre “A ruptura com a filosofia” do *Livro das ilusões* e “Adeus à filosofia” do *Breviário*, a diferença se resume ao tom inflamado e declamatório do primeiro comparado à concisão francesa do segundo.

O jovem Cioran, que obteve na Universidade de Bucareste um diploma de licenciatura em Filosofia (em 28 de junho de 1932 menção *magna cum laude*) leu muito os filósofos, especialmente Kant, Hegel e sobretudo Bergson, ao qual ele dedica sua monografia de licenciatura, “O intuicionismo contemporâneo” (1932), traduzido em francês por Eugène van Itterbeek.² Mas, como diz Gabriel Liiceanu, Cioran optou desde cedo “por um pensamento nascido das grandes tensões da vida...das revelações da solidão e da noite.”³ As declarações de Cioran em ruptura com a filosofia mostram que ele tinha na verdade muita esperança no pensamento. Ele nunca deixou de

¹ Uma versão francesa desse texto foi publicada em *Cioran, archives paradoxales, Nouvelles approches critiques* tome VI, sob a direção de Aurélien Demars e Mihaela-Gențiana Stănișor, Ed. Classiques Garnier, Paris, 2022, pp. 227-230.

² Cioran, *L'Intuitionnisme contemporain*, trad. E. van Itterbeek, em Eugène van Itterbeek (dir.), *Cahiers Emil Cioran. Approches Critiques*, Vol. VII, Sibiu/Leuven, Editura Universității “Lucian Blaga”/Les sept Dormants, 2006, pp. 153-170.

³ Gabriel Liiceanu, *Itinéraires d'une vie*, trad. A. Laigneul-Lavastine, Paris, Michalon, 1995, p. 26.

julgar a filosofia de um ponto de vista existencial. No *Livro das ilusões* ele fala de uma “necessidade de consolação” presente no homem,⁴ mas ele constata ao mesmo tempo que, face ao sofrimento humano, a filosofia se revela inútil. O *Eclesiastes* já dissera: “Quem aumenta a ciência, aumenta a dor.”⁵ E nessa direção Cioran afirma por sua vez: “Saber e consolo não se encontram jamais.”⁶ E essa reflexão desencantada do *Livro das ilusões* ressoará nos *Cahiers*: “O mundo dos pensamentos não passa de ilusão comparado ao dos suspiros,”⁷ antes de acrescentar depois: “Um só suspiro vale mais do que todo o saber.”⁸ Comparando-a com a poesia, com a música e com o êxtase, o jovem Cioran do *Livro das ilusões* acusava sobretudo a filosofia de limitar-se a ser apenas “a inquietude dos homens impessoais.”⁹ Nesse livro ele também indica os limites do homem: o mundo das aparências, enquanto que, ao contrário, a poesia, a música e a mística “estão a serviço” das “aparências supremas.”¹⁰ O mundo da verdade absoluta? O mundo em si? Uma impossibilidade para nós.

O *Breviário de Decomposição* reforça essas ideias: “Sempre se é filósofo impunemente: um ofício sem destino que enche de pensamentos volumosos as horas neutras e desocupadas, as horas refratárias ao Antigo Testamento, a Bach e a Shakespeare.”¹¹ A sombra de Jó e do *Eclesiastes*, a sublimidade da música de Bach e a poesia trágica de Shakespeare aparecem como antípodas do filósofo “tímido” e “morno”. Cioran sempre se situa em busca de um *Trost*, de uma consolação para o homem. Ele esperava muito da filosofia. Mas a filosofia, na verdade, “se reduz à invenção

⁴ Cioran, *O livro das ilusões*, trad. José Thomaz Brum, Rio de Janeiro, Rocco, 2014, p. 162: “Não há nada mais profundo e misterioso do que a necessidade de consolo”.

⁵ *Livro do Eclesiastes*, versículo 1,18; Bíblia Sagrada, tradução dos originais hebraicos, aramaico e grego mediante a versão francesa dos Beneditinos de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico de São Paulo, São Paulo, Ed. Ave Maria, 1967, p. 831.

⁶ Cioran, *O Livro das Ilusões*, trad. J. T. Brum, p. 162.

⁷ *Ibid.*

⁸ Cioran, *Cahiers*. 1957-1972, Paris, Gallimard, 1997, p. 236.

⁹ Cioran, *O Livro das Ilusões*, *op. cit.*, p. 163.

¹⁰ Cioran, *O Livro das Ilusões*, trad. brasileira p. 164.

¹¹ Cioran, *Breviário de Decomposição*, trad. José Thomaz Brum, Rio de Janeiro, Rocco, 1989, p. 55.